PERCURSOS METODOLÓGICOS DIALÓGICOS: uma proposta de construção coletiva de pesquisa em Comunicação

Flávia de Almeida Moura[1]

Osmilde Augusto Miranda[2]

RESUMO

Este artigo tem como proposta refletir teórica e metodologicamente sobre os processos e caminhos de pesquisa em colaboração numa perspectiva de romper com a ideia sujeito-objeto a partir das mediações com os sujeitos da pesquisa. A experiência com trabalhadores rurais brasileiros e angolanos, em pesquisas anteriores, nos possibilitaram perceber o processo relacional no âmbito da problematização e desenvolvimento junto aos sujeitos pesquisados bem como as vivências e as experiências destes como caminhos de *co-elaboração* ou *co-produção* de conhecimento. Procuramos apresentar aqui reflexões abertas de experiências de campo que tem nos guiado neste itinerário acadêmico. Portanto, acreditamos que tanto o pesquisador como o sujeito pesquisado podem, a partir da relação dialógica, produzir conhecimento capaz de transformar de forma bilateral a realidade questionada. Também buscamos problematizar as formas como se observa, se trata, reflete, evidencia, descreve o mundo social a partir de uma perspectiva cuidadosa e não violenta a realidade do sujeito subalterno, mas trazendo-o como parte deste empreendimento.

Palavras-chave: Comunicação. Pesquisa em colaboração. Trabalho de campo.

ABSTRACT

This article proposes to reflect theoretically and methodologically on collaborative research processes and paths with a view to breaking with the subject-object idea through mediations with the research subjects. The experience with Brazilian and Angolan rural workers, in previous researches, allowed us to perceive the relational process in the scope of problematization and development with the researched subjects, as well as their experiences and experiences as ways of co-elaboration or co-production of knowledge. We seek to present here open reflections of field experiences that have guided us in this academic itinerary. Therefore, we believe that both the researcher and the researched subject can, from the dialogical relationship, produce knowledge capable of bilaterally transforming the questioned reality. We also seek to problematize the ways in which one observes, deals with, reflects, evidences, describes the social world from a careful and non-violent

[1] Doutora em Comunicação, professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/Mestrado Profissional da UFMA. E-mail: flavia.moura@ufma.br

[2] Doutorando em Políticas Públicas, jornalista e mestre em Ciências Sociais pela UFMA. E-mail: osmildemiranda@gmail.com

perspective to the reality of the subordinate subject, but bringing it as part of this undertaking

K**eywords:** Communication. Collaborative research. Fieldwork.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de refletir teórica e metodologicamente sobre os processos e caminhos de pesquisa em colaboração numa perspectiva de romper com a ideia sujeito-objeto a partir das mediações com os sujeitos da pesquisa nas Ciências Sociais e, mais precisamente, em nossas investigações no campo da Comunicação.

As experiências de trabalho de campo junto a trabalhadores e trabalhadoras rurais no Maranhão no contexto do trabalho escravo contemporâneo (MOURA, 2009; 2016) e também em províncias do Sul de Angola (MOURA, MIRANDA, 2020) sobre migrações e trabalho, instigou-nos a questionar certas práticas e instrumentos de pesquisa de campo no que cerne ao processo relacional da mediação com os sujeitos pesquisados. É, todavia, neste âmbito que discutimos teórica e metodologicamente alguns autores das Ciências Humanas, como Antropologia, Sociologia, Pedagogia e Comunicação, que tem nos ajudado a encontrar estratégias metodológicas mais participativas e coletivas junto aos sujeitos subalternizados pesquisados, deslocando seus lugares de fala não apenas como ‘informantes’, mas como sujeitos participantes da construção do conhecimento científico.

Apresentamos neste artigo alguns alicerces teóricos para a construção de estratégias metodológicas de campo mais participativas e que levam em consideração a agência dos sujeitos pesquisados. Estamos na busca desses arranjos a partir da inspiração da comunicação dialógica freireana e do acúmulo de experiências como pesquisadores nos últimos anos de formação acadêmica.

Partimos da ideia de que toda pesquisa deve apresentar à sociedade alguma intervenção social e que o simples fato de adentrarmos no campo, conversarmos com os sujeitos e questioná-los sobre determinadas realidades sociais, já se constitui como uma forma de transformação da realidade; seja ela material (subsidiando políticas públicas, por exemplo) ou mesmo ideológica, de percepção dos próprios sujeitos

pesquisados; uma vez que podem nunca terem elaborado uma reflexão parecida a partir do seu próprio cotidiano ou ainda sobre o simples fato de estar no mundo. Deste modo, entendemos a responsabilidade dessa interlocução e apostamos num diálogo cada vez mais co-participativo; co-elaborado e co-produzido de forma coletiva.

1. 2 CAMINHOS TEÓRICOS PERCORRIDOS E VIVENCIADOS

No artigo *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever,* Oliveira (1996) analisa o exercício do olhar, ouvir e escrever como três aspectos essencialmente indispensáveis na profissão do antropólogo e no fazer antropológico. É através do olhar disciplinado dos saberes e preceitos da área que o antropólogo, na relação com o objeto pesquisado, consegue apreender a realidade estudada. O antropólogo, neste caso, é o sujeito que busca, a partir de suas ferramentas de campo, acompanhar disciplinarmente a realidade através de um olhar treinado ao objeto.

Doutro lado, ele destaca que o exercício do olhar não pode ser pensado de forma separada do ouvir; ou seja, eles devem ser articulados de forma interligada, "[...] conhecer que o ouvir, complementando o olhar, participa das mesmas precondições" (OLIVEIRA, 1996), ainda nesta perspectiva vale reiteramos que tanto o ouvir como o olhar exigem de nós o *background* disciplinar na apreensão de uma determinada realidade objetiva ou subjetiva. Isso foi, por sua vez, uma das situações que nos deparamos ao procurar entender o fenômeno do trabalho escravo contemporâneo no Maranhão e o fenômeno correspondente junto aos trabalhadores rurais em Angola[3].

A busca para apuração deste olhar e ouvir disciplinar, voltada a partir de uma visão interdisciplinar, levou-nos a autoquestionamento constante, uma vez que a visão relacional proporcionada durante a intervenção no ato da pesquisa nos possibilitou

[3] Realizamos, em agosto de 2018, um trabalho de campo em três províncias do Sul de Angola (Humbo, Huíla e Benguela) buscando identificar os fluxos migratórios de trabalhadores e trabalhadoras rurais angolanos para a capital Luanda em busca de trabalho e realizamos estudo cruzado sobre alguns achados de pesquisa com investigações já realizadas no Maranhão desde 2005, sobre a migração de maranhenses para outras regiões do Brasil bem como a vulnerabilidade dos mesmo às condições de trabalho escravo contemporâneo.

questionar o lugar de observador e as formas pelas quais estávamos ouvindo os entrevistados, que, de alguma maneira, transpareceu no ato da escrita.

Neste sentido, Oliveira (1996) afirma que, “no ato de ouvir o informante, o etnólogo exerce um ‘poder’ extraordinário sobre o mesmo”. É, portanto, sobre esse poder que começamos a problematizar o modo de olhar e ouvir os sujeitos entrevistados, dado o condicionamento epistemológico obtido na forma de organização e estruturação do saber disciplinar baseada na relação entre sujeito e sujeito, como proposta metodológica na apreensão das vivências durante trabalho de campo. Ou seja, buscamos escapar da neutralidade científica e tomar uma posição de pesquisador limitado, diferenciando-se, todavia, daquilo que muitos pesquisadores buscam a partir de uma apreensão objetivista radical.

Isso transpareceu ainda mais na experiência em Angola, por ser um país multilinguístico, na qual tivemos o desafio de trabalhar por meio de mediações constantes com agentes do movimento social local, até chegar aos atores principais (trabalhadores e trabalhadoras rurais) devido ao deslocamento linguístico e também por causa das heranças da guerra civil[4], e a consequente polarização política nas localidades. Mas foi por intermédio das mediações e das formas relacionais com os sujeitos no campo que chegamos ao questionamento sobre a produção do conhecimento de forma coletiva. Deste modo, pensamos na construção de uma metodologia que não desperdiçasse a experiência vivenciada[5] em ambas as realidades e que perpassava essa visão reduzida entre o sujeito que olha ou ouve e o sujeito observado ou ouvido, como duas coisas em separado ou em dois momentos distantes.

---

[4]A Guerra Civil Angolana foi um conflito armado em Angola, que teve início em 1975 e continuou, com alguns intervalos, até 2002. A guerra começou imediatamente após Angola se tornar independente do domínio de Portugal, em novembro de 1975. Antes disso, um conflito de descolonização (1974/75) e a Guerra de Independência de Angola (1961-1974), tinha ocorrido. Foi essencialmente uma luta pelo poder entre dois antigos movimentos de libertação, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA).

[5]Desperdício da experiência é uma categoria trabalhada por Boaventura de Sousa Santos (2011).

Embora um dos pesquisadores, também autor deste artigo, fosse angolano; a identificação do mesmo com os sujeitos pesquisados era distante devido às diferenças culturais (ele é oriundo de outra região de Angola, tem uma cultura urbana, diferente da investigada, e está fora do país há quase 10 anos). Neste sentido, as diferenças linguísticas e culturais eram impedidores de nos aproximarmos da realidade estudada. Nossa escolha foi nos posicionarmos, segundo Oliveira (1996), como 'pesquisadores limitados'; o que nos deu mais oportunidades de apreender no campo saberes que não estavam pré-concebidos por nós, como na maioria das vezes achamos que conhecemos os sujeitos da pesquisa; colocando-os num segundo plano em vez de evidenciá-los.

Para isso, recorremos a outras leituras que nos levaram a entender a realidade estudada com mais cuidado. Pamela Marques e Maria Genro (2016) no artigo *Por uma ética do cuidado: em busca de caminhos descoloniais para a pesquisa social com grupos subalternizados* nos proporcionou uma visão profunda dos mesmos desafios os quais vivenciamos em Angola e no Maranhão. Elas buscaram problematizar as formas como se observa, se trata, reflete, evidencia, descreve o mundo social a partir de uma perspectiva cuidadosa e não violenta a realidade do sujeito subalterno, mas trazendo-o como parte deste empreendimento. Para elas, a pesquisa cuidadosa é,

> [...] mais do que apontar molduras prontas às quais ajustar a matéria a ser apreendida durante a pesquisa social, refletir sobre as preocupações com que se empreende o caminho da pesquisa, sodando algumas formulações epistêmicas interessantes que se refletem em posturas éticas-metodológicas mais sensíveis (MARQUES; GENRO, 2016, p.324).

Ou seja, o desafio é romper com a questão antiética da pesquisa com o subalterno[6] no exercício de tornar a fala deste 'outro visível' sem que o pesquisador seja a única fonte de reconhecimento discursivo no que tange à emancipação de falar e ser ouvido.

[6] Para o conceito de subalterno, ver Gayatri Chakravorty Spivak, Pode o subalterno falar?, Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

Deste modo, elas destacam três elementos indispensáveis na pesquisa cuidadosa, como (1) a autoria do reconhecimento, (2) o compartilhamento do conhecimento dialógico e (3) a autorização do conhecimento produzido a partir de convergência constante no processo de elaboração. O que elas vão chamar de pesquisa em colaboração ou pesquisa em detrimento, que resume como sendo:

> [...], um sujeito consciente da complexidade dos mecanismos que agem sobre si (ou consigo) quando interpela o social é capaz de produzir pesquisa cuidadosa, ou seja, aquele que não descuida do que pesa sobre as decisões que, como, cientistas sociais, tomamos antes, durante e depois de ir a campo, escapando tanto do racionalismo dogmático quando do relativismo ingênuo (MARQUES; GENRO, 2016, p.327).

Isso, por sua vez, envolve o exercício de reconstrução e reconfiguração tanto dos *modos operandi* do pesquisador com o sujeito pesquisado, como também na reorganização nos instrumentos de pesquisa de campo. Desta feita, o pesquisador observa a realidade objetiva não só como algo disciplinado ou dado a partir de sua experiência acadêmica, mas também através da objetivação das coisas em uma perspectiva conjunta com o sujeito pesquisado, que perpassa de um olhar singular.

Vivenciamos esta experiência no projeto de pesquisa[7] atual ao buscarmos, de forma online por conta do distanciamento social requerido devido à pandemia da Covid-19, diálogo constante com os mediadores do nosso atual campo de pesquisa na Baixada Maranhense para construirmos juntos caminhos de entrada presencial, prevista para 2022, identificando os sujeitos a partir da indicação dos entrevistados pelos próprios mediadores segundo suas justificativas de legitimação aos locais de fala dos membros das comunidades investigadas.

Segundo Marques e Genro (2016), a escuta é algo que depende da forma interacional com o sujeito pesquisado. Exemplo prático temos, principalmente, os

[7] O atual projeto de pesquisa que desenvolvemos junto ao Departamento de Comunicação Social da UFMA, intitulado *Comunicação, Migração e Trabalho Escravo Contemporâneo: trajetórias de trabalhadores e trabalhadoras rurais na Baixada Maranhense*, é financiado pela FAPEMA (Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico no Maranhão) e tem vigência de 2020 a 2022.

contextos das palavras similares com múltiplas significações, mas com contextos antagônicos culturalmente. Para essas palavras, por mais que ouvimos várias vezes e pedimos explicações, elas só podem ser apreendidas à medida que vivenciamos o mundo prático das mesmas; e conviver o mundo prático dessas palavras é envolver-se com a escuta do outro como uma escuta dinâmica que vai além da nossa.

Como um exemplo interessante sobre essa escuta em nossas pesquisas, trazemos o termo *precisão*, identificada por MOURA (2009) durante trabalho de campo da pesquisa do mestrado[8], quando entrevistou vários trabalhadores rurais maranhenses que diziam de forma recorrente que só 'caíam na escravidão, quando estavam na *precisão*". Com o passar do tempo e uma escuta mais apurada, a pesquisadora conseguiu identificar a categoria nativa que se referia a uma necessidade financeira extrema ligada à falta de oportunidade de trabalho digno.

Neste sentido, Marques e Genro (2016) chamam a atenção para quando percebermos que os silêncios, a não colaboração, o não entusiasmo, o não esforço de compreensão mútua e o esquecimento forem uma prática constante dos sujeitos pesquisados, é momento de rever os materias ou instrumentos de pesquisa e construir outras estratégias mais colaborativas no trabalho de campo.

> O cuidado ou tratamento cuidadoso como metodologia- trata-se de uma postura ativa e generosa, de respeito e humildade, em que se houve o outro que fala sem pressa, sem cortes, sem conversão imediata em texto ou conclusões, que implica maturação da palavra ouvida até que, junto dos demais sujeitos de pesquisa, decide-se o que fazer com ela. (MARQUES; GENRO, 2016, p. 330-331)

A pesquisa dialógica proposta neste artigo tem inspiração especialmente no trabalho do pedagogo brasileiro Paulo Freire. No livro *Comunicação ou Extensão* (1977), ele parte da análise crítica da semântica do termo extensão, passando pelo equivoco gnosiológico, detendo-se em considerações a propósito da invasão cultural, discutindo a reforma agrária e a mudança, opondo-se à extensão e, por fim, ampliando

[8] A pesquisa resultou no livro intitulado *Escravos da precisão: economia familiar e estratégias de sobrevivência de trabalhadores rurais em Codó (MA),* EDUFMA, São Luís, 2009.

a educação como uma situação gnosiológica, em cuja prática a 'assistências técnicas' teria outras dimensões (FREIRE, 1977).

Ele começa de forma crítica analisando o termo *extensão*, que estaria mais voltado para uma realidade dimensionada ou apresentada como sendo complemente de outrem e que indicaria uma ação de estar além de uma relação dualista e assimétrica, ou seja, o termo seria semanticamente: estender algo alguém.

Esse alguém que é passivo, distante e que recebe a partir de uma ordem vertical. Ele destaca também que o mesmo termo só pode ser compreendido através do seu dinamismo. "[...] o termo extensão se encontra em relação significativa com a transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanismo, invasão cultural, manipulação, etc." (FREIRE, 1977, p.22).

É nesta perspectiva que Freire vai designar o equívoco gnosiológico da extensão. Para ele, é o ato de estabelecer relações entre indivíduos ou grupos sociais através de uma ordem hierárquica cultural que emana de relações de poder normativas que se reproduzem de forma desigual (na vida prática) sem respeitar as diferenças.

Na primeira ordem do equívoco gnosiológico da extensão, está na prática de estender, reduzindo ao estender para si mesmo, tornando estático as relações de produção de conhecimento e não dinamizando as relações mediadas de produção dos saberes diferenciados. O segundo, portanto, está no conhecer como tarefa de sujeitos, não de objetos. Rompendo com esses equívocos, Freire (1977, p.28) destaca que, "para isto, é necessário que, na situação educativa, educador e educando assumam o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível que buscam conhecer".

Assim também pensamos ao construir uma metodologia dialógica que atenda à demanda do pesquisador e do sujeito pesquisado durante a experiência de campo. Neste caso, Freire (1977, p.33) adianta que, "é tentar superar o conhecimento preponderantemente sensível por um conhecimento, que, partindo do sensível,

alcança a razão da realidade", que, muitas das vezes, perpassa por um único olhar dogmático e treinado durante a experiência do sujeito pesquisador.

Adonia Prado (2016) no artigo *Educação contra a escravidão contemporânea em perspectiva decolonial*, diz que o diálogo funciona como metodologia quando são ingredientes fundamentais na teoria e na prática da pedagogia descolonial, isto é, transformando o vertical em horizontal de modo que a produção do conhecimento não seja resultado de uma experiência unilateral.

A este fenômeno, Freire (1977), denomina de educação como uma situação gnosiológica, isto é, em que o pesquisador não apresenta o seu problema de pesquisa e sozinho o problematiza para si, mas juntamente com o sujeito pesquisado problematizam a realidade pesquisada como conteúdos que são compartilhados. Este problema se dá a partir de uma relação comunicativa existencial ou real, que parte da realidade objetiva do sujeito pesquisado, ou seja, objetivando o mundo do sujeito pesquisado e mediado por ele e através deste engendrando o conhecimento. "A educação, enquanto uma situação gnosiológica que solidariza educador e educando como sujeitos cognoscentes, abre a estes múltiplos e indispensáveis caminhos à sua afirmação como seres da práxis" (FREIRE, 1977, p.85).

Para isso, o pedagogo dialógico apresenta dois indispensáveis conceitos. O primeiro é o da *codificação,* relativo à apreensão e problematização da realidade existente, ou seja, nenhuma relação de produção de conhecimento se tornaria possível sem a codificação dos hábitos, sejam estes, matérias ou abstratos de um determinado indivíduo ou grupo social. Assim, o pesquisador só teria a sua pesquisa em andamento ao passo que tornasse possível a codificação do problema pesquisado a partir das mediações constantes com o sujeito pesquisado com finalidade de construir ou obter conhecimento a partir de uma determinada realidade.

Doutro lado, ele apresenta o conceito de *decodificação,* relacionado com a reflexão da realidade apreendida [existencial] e problematizada através de um outro olhar. Como apresenta, por exemplo, Prado (2016, p.465) ao afirmar que, "a tarefa do educador do Programa Escravo, nem pensar!, seria a de fazer o papel desbravador,

desvelador, no sentido de ajudar a desnaturalizar situações de colonialismo," ou seja, de desmistificar o dado por meio de um olhar familiar/ não familiar do trabalhador assujeitado à realidade do dia a dia para o sujeito que estranha a sua realidade diária por meio de leitura crítica sobre a mesma. Para a pesquisadora, as práticas educativas podem contribuir como instrumento de oposição produtiva, ativa e criativa a empreendimentos e situações de dominação.

Continuando o diálogo com Oliveira (1996), o 'escrever' para os pesquisadores também está intimamente ligado à cultura e à produção de sentidos entre os interlocutores. O que anotamos no nosso caderno de campo é exatamente o que 'olhamos' e o que 'ouvimos' dos sujeitos investigados durante a observação. E isso passa pelo processo de interpretação por parte dos sujeitos sobre os fenômenos pesquisados quando são sistematizados os dados, classificados e produzidos sentidos em relatórios de pesquisa. A proposta deste trabalho é oportunizar os sujeitos pesquisados participarem de todas as etapas desse processo, desde a problematização da pesquisa até o texto do produto final, tornando-os coautores dos relatos de pesquisa.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazemos aqui um percurso de subsídios teóricos e metodológicos que tem nos guiado no exercício do trabalho de campo em pesquisas sociais vivenciadas nos últimos anos. A discussão central que nos move neste exercício é sobre a participação dos sujeitos pesquisados em todo o processo do desenvolvimento de uma pesquisa; desde a problematização do objeto, recortado a partir de fenômenos sociais, durante o trabalho de campo e a coleta de dados, e depois, no ato de sistematização e classificação dos achados de pesquisa a partir dos interesses mútuos de transformação social e, finalmente, na escrita dos relatórios de pesquisa, que podem ser documentos importantes para subsidiar políticas públicas capazes de trazer benefícios para os grupos subalternos pesquisados.

Entendemos que esse exercício não é fácil tanto pela cultura disciplinar que temos na academia quanto pelos modos de vida dos sujeitos pesquisados, historicamente

silenciados e assujeitados e, por isso, nem sempre disponíveis para construir juntos com os pesquisadores abordagens mais interessantes e mais próximas da realidade estudada.

Mas também sabemos que esses caminhos metodológicos dialógicos que escolhemos para trilhar, inspirados na pesquisa em colaboração (MARQUES, GENRO, 2016) fazem parte de um processo de ruptura no contexto científico mais tradicional e que, por isso, também implica em mudanças de comportamento e de aberturas epistemológicas para outros saberes e fazeres. Neste sentido, os pesquisadores que buscam este caminho devem ter em mente que necessitam de uma autoavaliação constante sobre seu papel social, não repassando responsabilidades da investigação aos sujeitos pesquisados e, ao mesmo tempo, oportunizando protagonismo a esses sujeitos que, historicamente, foram tratados como objetos de pesquisa. A experiência é desafiadora e requer vontade e cuidado por parte dos pesquisadores.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**? Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1977.

OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**: olhar, ouvir, escrever. Revista de Antropologia. São Paulo: USP, 1996, v.39, n-1, (p. 13-34).

MARQUES, Pâmela; GENRO, Maria. **Por uma ética do cuidado**: em busca de caminhos descoloniais para a pesquisa social com grupos subalternizados. Araraquara. V.21, n-41, julho-dezembro, 2016, p.323-339.

MOURA, Flávia de Almeida Moura. **Escravos da Precisão**: economia familiar e estratégias de sobrevivência de trabalhadores rurais em Codó (MA). EDUFMA, São Luís, 2009.

MOURA, Flávia de Almeida Moura. **Trabalho escravo e mídia**: olhares de trabalhadores rurais maranhenses. EDUFMA, São Luís, 2016.

MOURA, Flávia de Almeida; MIRANDA, Osmilde Augusto. **Em busca de representações:** uma aproximação com o campo midiático angolano. Revista Contemporânea (online), UFBA, Salvador, BA, v. 18, 2020, p. 105-119.

PRADO, Adonia. **Educação contra a escravidão contemporânea em perspectiva decolonial**. In.: Discussões Contemporâneas sobre trabalho escravo: Teoria e pesquisa. Manual x: Rio de Janeiro, 2016.

SANTOS, Boaventura. **Para um novo senso comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. Cortez: São Paulo, 2011.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar**? Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.